



ISBN 978-85-7325-969-8



9 788573 259698

Teologia

MARCOS GRANCONATO

teo
Fundamentos da .lo
gia
do Novo
Testamento

Capítulo 1

Teologia do Novo Testamento: Definição, necessidade e relevância

E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.

Jesus de Nazaré, *João* 8.32

O que é teologia do Novo Testamento?

O conhecimento da doutrina cristã é essencial para a plena libertação do homem, sendo certo que a teologia do Novo Testamento é o arcabouço principal de toda a instrução que emana do cristianismo verdadeiro. Antes, porém, de expor com mais exatidão a importância e a necessidade dessa teologia, será útil limitar o alcance do assunto construindo os contornos de uma definição. Aqui é proposta a seguinte:

Teologia do Novo Testamento é o arranjo ordenado das doutrinas reveladas ou reafirmadas por Deus no século 1, detectadas nos escritos neotestamentários e usadas como fundamento singular e intocável na construção do pensamento, da ética e do padrão funcional da igreja cristã autêntica.

Essa definição mostra a necessidade urgente de dar ao ensino neotestamentário o lugar de preeminência na pregação e no funcionamento das igrejas nos dias de hoje. A instrução nos mistérios revelados no Novo Testamento afastará o crente dos prejuízos gerados pelos modelos teológicos modernos, como a *teologia da*

prosperidade, que há décadas conta com a constante adesão das massas, a *teologia do processo* e o *teísmo aberto*, estes últimos florescendo especialmente dentro de círculos evangélicos intelectuais. Ora, essas tendências, quando acolhidas, geram inúmeros e terríveis males que se alastram sobre todas as áreas da vida, destruindo a fortuna, a fama, a família e o futuro das pessoas.

Livramento da superstição e da fraude

Muito se tem dito sobre a teologia da prosperidade. Sendo o mais popular entre os três exemplos listados no fim da seção anterior, bastante atenção já lhe foi dada por escritores cristãos sérios que expuseram seus ensinamentos e o impacto que tem causado a milhares de vidas.

Basicamente, a teologia da prosperidade ou “triumfalismo” pode ser definida como o modelo doutrinário que assegura aos crentes riquezas materiais e saúde física caso tenham um grau superior de fé. Essa suposta fé elevada deve se expressar de forma válida no ato de contribuir com a igreja, dando-lhe o máximo de dinheiro, mesmo (e especialmente!) quando o fiel estiver passando por duras privações. Os expoentes dessa teologia também prometem vitórias sobre demônios e maldições que supostamente provocam fracasso e miséria na vida das pessoas.

Anexa à teologia da prosperidade está a doutrina da *confissão positiva*, segundo a qual o crente pode obter vitórias contra as vicissitudes da vida através das frases que pronuncia. Palavras de ordem ou de reprimenda, tais como “Eu determino”, “Eu não aceito” ou “Eu repreendo”, são tidas como capazes de operar alguma mudança na realidade ao redor, livrando o crente das vezes que lhe sobrevieram. Também afirmações do tipo “Eu tomo posse” ou “Eu declaro a vitória” são classificadas como construções permeadas de grande poder para alterar os rumos da vida de alguém, conduzindo ao sucesso.

Apesar da mensagem que apregoa não ser encontrada no Novo Testamento (cf., p. ex., At 3.6; 2Co 12.7-10; Gl 4.13-14; 1Tm 6.8-9; 2Tm 4.20; Hb 10.34; Tg 2.5, etc.), a teologia da prosperidade, oferecendo tudo o que os homens anelam (2Tm 4.3-4), faz grande sucesso no Brasil e no mundo. É verdade que, recentemente, algumas igrejas que a proclamam apresentaram sinais de declínio. Contudo, é inegável que essa vertente religiosa continua viva e ativa, sempre conquistando novos e numerosos adeptos.

O sucesso e o alcance desse tipo de teologia prejudicial comprovam a necessidade urgente de um retorno da igreja à teologia do Novo Testamento em toda a sua pureza como único antídoto contra a superstição e a fraude religiosa. Com certeza, os cristãos nutridos pelo genuíno leite da Palavra de Deus não serão mais como crianças, “levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro” (Ef 4.14).

Rejeição das vãs filosofias

O conhecimento da teologia do Novo Testamento também livrará o crente dos desvios perniciosos da teologia do processo. Esse modelo tem seu principal núcleo de estudos na Escola de Teologia de Claremont, na Califórnia, e seu expoente mais conhecido é John Cobb Jr. (1925-). Trata-se de uma proposta doutrinária baseada nas concepções do filósofo e matemático Alfred North Whitehead (1861-1947), ex-professor em Harvard e autor do livro *Process and Reality* [Processo e realidade] (1929).

Segundo Whitehead, a realidade não deve ser entendida como composta de substâncias, mas sim em termos de eventos interligados. Para ele, o real é o que ocorre numa cadeia universal de acontecimentos. O próprio Deus é envolvido por essa teia de eventos. Ele a organiza, mas também faz parte dela e a contém, sendo influenciado pela dinâmica de acontecimentos no cosmos.

Assim, de acordo com esse modelo doutrinário, Deus não é eterno, onisciente e, muito menos, imutável. Antes, participando de uma cadeia integrada de acontecimentos, ele próprio está sempre mudando, enquanto se relaciona com o mundo também em constante mutação. Deus é imutável somente no tocante ao seu perfil moral, isto é, seu caráter, e aos seus ideais e anseios, que permanecem sempre os mesmos. Porém, na sua experiência como ser, ele sofre mudanças à medida que vivencia o mundo, podendo decepcionar-se, surpreender-se e aprender.

Um traço distintivo dessa concepção é que, no envolvimento de Deus com o mundo, ele tenta persuadir as pessoas a fim de que sua vontade seja realizada. Ocorre, porém, que o homem, fazendo uso do livre-arbítrio, pode resistir a Deus em suas tentativas de persuasão. Essa resistência gera grande sofrimento à divindade, empobrecendo seu relacionamento com o universo que, de outra forma, seria rico, produtivo e feliz.

Nesse aspecto vê-se que, para o teólogo do processo, Deus não é onipotente no sentido de que não tem força coercitiva. Esse é um dos pontos centrais dessa vertente teológica: estando o universo sujeito a processo e mudança, a autodeterminação é fator crucial nos desdobramentos da realidade. Por isso, Deus não força o acontecimento de nada, limitando sua atuação a meras tentativas de persuasão, sem jamais violar o livre-arbítrio humano.

A ênfase da teologia do processo na livre vontade das criaturas diante de um Deus que apenas as convida a se harmonizar com o seu Reino desemboca em conclusões surpreendentes. Os teólogos do processo ensinam que Deus não realiza intervenções sobrenaturais na história nem conhece o futuro, pois este depende das decisões livres dos indivíduos. Além disso, ao lidar com o problema do mal e do sofrimento os mestres do processo afirmam que Deus não pode impedir a dor, a maldade ou as catástrofes, uma vez que não direciona as ações das entidades reais. Diante

dessas misérias, tudo o que ele pode fazer é assumir o papel de um “grande companheiro — o coparticipante no sofrimento que também o compreende”.¹

As estranhas conclusões propostas pela teologia do processo podem também ser encontradas no teísmo aberto (ou do livre-arbítrio), modelo proposto especialmente por Clark Pinnock (1937-) e John Sanders (1956-). O teísmo aberto ensina igualmente que, sendo o homem verdadeiramente livre, isso impede que Deus exerça controle meticuloso sobre o universo, sob pena de interferir nessa liberdade. Deus também não predetermina nem conhece o futuro plenamente. Ele limita, desse modo, a sua própria soberania e, assim, se “abre” a fim de garantir o exercício do livre-arbítrio humano em toda a sua plenitude.

A diferença entre a teologia do processo e o teísmo aberto, presentes também no Brasil, parece estar apenas em seu ponto de partida. A primeira tira as rédeas da história das mãos de Deus partindo de uma concepção que o insere numa rede de relacionamentos dentro da qual a própria divindade sofre mudanças fatais e só é capaz de fazer tentativas de intervenção no destino do universo. A segunda reduz a soberania divina partindo de uma tônica inflexível sobre a liberdade humana, tendo-a como intocável. Em ambos os casos, a vontade pessoal de Deus deve ceder diante das decisões humanas. Assim, é Deus quem diz ao homem: “Seja feita a sua vontade”.

Com que instrumentos o povo de Deus pode fazer oposição a esses ensinamentos? Como pode resistir a essas formas de filosofia pagã que circulam dentro da igreja de Jesus travestidas de teologia cristã? Mais uma vez, somente a instrução dos crentes no ensino que procede da pena apostólica poderá livrá-los dos devaneios da vã sabedoria humana.

¹ Alfred North Whitehead, *Process and Reality*, p. 351.

Estudando o Novo Testamento, o cristão rejeitará a teologia do processo, aprendendo que Deus é transcendente, distinto do universo que criou, situando-se infinitamente acima dele (At 17.24; Ef 1.21-22; Ap 3.14; 4.11). Descobrirá que o Senhor não é imutável somente em seu caráter e anseios, mas também em suas decisões e na forma como administra sua graça (Tg 1.17).

Além disso, descobrirá ainda que a vontade de Deus é soberana, não podendo jamais ser resistida (Rm 9.19-21; Ef 1.11); que seu conhecimento do futuro é pleno e certo (Mt 24.2; Lc 17.30-31; 2Ts 2.1-12; Ap 1.19), visto que o amanhã foi escrito e determinado por ele (At 4.27-28). E mais: o estudioso da teologia cristã autêntica encontrará a verdade de que Deus não somente interfere na história das pessoas dando-lhe o rumo que bem entende (At 17.26), mas que ele também altera a vontade dos homens, endurecendo ou quebrantando o coração de quem quer (Jo 6.65; At 16.14; Rm 9.18; Ef 2.13).

Ao final, esse estudante fatalmente concordará, sem reservas, com a famosa distinção que Blaise Pascal (1623-1662) fez em seu *Memorial*: “Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó e não dos filósofos e dos sábios...”. Também entenderá melhor o que Tertuliano de Cartago († c. 220) quis dizer quando escreveu na sua *Prescrição contra os hereges*:

O que, de fato, tem Atenas que ver com Jerusalém? Que harmonia há entre a Academia e a Igreja? Que união entre hereges e cristãos? Nossa instrução vem do “Pórtico de Salomão” que ensinou que o Senhor deve ser buscado com simplicidade de coração. Fora com todas as tentativas de produzir um cristianismo com cores estoicas, platônicas e dialéticas! Depois de termos possuído Cristo Jesus, não temos interesse em nenhuma disputa especulativa. Depois que desfrutamos do evangelho, nenhum debate inquisitivo nos atrai. Ao lado da nossa fé não queremos nenhuma outra crença. Uma vez

que essa é nossa excelente fé, não há nada em que queiramos crer além dela.²

A referência que Tertuliano faz ao *Pórtico de Salomão* evoca Atos 3.11 e, especialmente, 5.12, onde se diz que esse era o local em que a igreja se reunia no início para aprender a doutrina dos apóstolos. É precisamente com essa matéria que se ocupa a teologia do Novo Testamento. Pouco ou nada tem a ver com as especulações da mente humana, sendo vacina e remédio contra todas as enfermidades do pensamento.

Um ciclo salutar

É claro que o universo teológico protestante do Brasil não está contaminado apenas com a teologia da prosperidade, com a teologia do processo e com o teísmo aberto. Quem dera esses fossem os únicos desvios! Há focos da teologia da libertação (destacando a salvação como livramento da opressão social), há seminários que defendem o velho liberalismo teológico (negando a possibilidade de milagres e até a historicidade da ressurreição de Cristo), proliferam mestres e pastores neo-ortodoxos (que, entre outras coisas, rejeitam o conceito bíblico de inspiração das Escrituras) e multiplicam-se líderes evangélicos com discursos pós-modernos, inclusivistas e universalistas (especialmente os proponentes da chamada “igreja emergente”).

O mosaico do engano doutrinário é multicolorido, comprovando a importância e a necessidade de a igreja voltar-se com mais dedicação para a teologia do Novo Testamento.

Deve-se, porém, destacar que o retorno às páginas da literatura apostólica não é preciosa somente por causa do seu valor apologético ou porque tem o poder de prevenir o crente contra

² VII. Em: A. Roberts; J. Donaldson; A. C. Coxe, *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 3, p. 246-247.

a superstição e a vã filosofia. De fato, o conhecimento do ensino neotestamentário é útil também porque provoca no crente uma maior inclinação à vida de santidade. É o que ensina Gregório de Nazianzo (c. 329-c. 390), um dos maiores pais da igreja:

Não é a qualquer um, meus amigos, que pertence o privilégio de filosofar sobre Deus; realmente, não é a qualquer um. Essa matéria não é assim, do tipo tão banal e vil. E devo acrescentar: não se deve fazê-lo diante de qualquer audiência... porque isso é permitido somente àqueles que foram examinados, tornaram-se mestres na reflexão, sendo previamente purificados na alma e no corpo... Pois, seguramente, não é bom para o impuro tocar em algo puro, assim como não é saudável que os olhos fracos se fixem nos raios do sol.³

Ele tinha razão. É preciso ter vida reta não só para expor a teologia sadia, mas também para ouvi-la e aprendê-la. Realmente, quem tenta expor ou aprender a doutrina cristã enquanto vive num vácuo espiritual traz prejuízos tanto para si como para a igreja. Orgulho, irreverência, escárnios, discussões vãs, intrigas e desvios abomináveis geralmente são os frutos produzidos na vida de quem olha para a luz da verdade enquanto anda nas trevas da mentira. Por isso, Gregório acertou ao destacar a necessidade de retidão na alma de quem se aproxima dos oráculos de Deus, tanto para conhecê-los como para debatê-los ou explicá-los.

O nazianzeno, contudo, vai além. Ele ensina que o teólogo deve ser santo para que a doutrina cristã produza nele compreensão maior: "... ele deve se esforçar o quanto puder para ser puro a fim de que a luz [da verdade] possa ser assimilada pela luz [que emana de sua própria vida]". Ele também afirma que a Palavra

³ Em: Philip Schaff, *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, vol. 7, p. 285.

será infrutífera se cair em solo árido. Se, porém, cair em boa terra, produzirá muito fruto.⁴

Gregório demonstrou, assim, que é possível haver um ciclo salutar no estudo da teologia: a vida santa assimila a sã doutrina, sendo a única capaz de refletir corretamente sobre ela; já a sã doutrina, uma vez assimilada, produz no teólogo piedoso retidão ainda maior.

Eis outro motivo nobre pelo qual o estudo da doutrina dos apóstolos deve ser resgatado hoje. Sem a teologia do Novo Testamento a vida do cristão zeloso será desperdiçada como o solo fértil no qual nada se planta. E pior: sem ela esse cristão não crescerá em santidade o quanto poderia crescer. Seus frutos existirão em alguma medida como resultado das poucas sementes que recebeu, mas nunca haverá uma grande colheita, como aquelas a que o Mestre se referiu, que dão fruto “a cem, sessenta e trinta por um” (Mt 13.8).

Vê-se, assim, que a teologia do Novo Testamento, além de definir os contornos do verdadeiro cristianismo, protege o crente da superstição, capacita-o a fugir das vãs filosofias e torna a vida do santo mais fértil para o florescimento de retidão ainda maior. Todas essas bênçãos serão, com efeito, desfrutadas pelo discípulo de Jesus que se debruçar sobre os livros e cartas inspirados por Deus no primeiro século da era cristã, século que, por esse e outros motivos, foi, sem dúvida, o mais importante de toda a história.

Perguntas para recapitulação

1. Exponha os motivos pelos quais, segundo o seu entender, algumas igrejas desconhecem e, muitas vezes, interpretam erroneamente a teologia do Novo Testamento.

⁴ Idem, p. 288.

2. Por que a teologia da prosperidade faz grande sucesso no Brasil e no mundo? Que tipos de males podem advir desse modelo doutrinário?
3. Em sua opinião, quais são as propostas da teologia do processo que exercem maior atração sobre as pessoas de hoje?
4. Por que o teísmo aberto pode ser visto como um desdobramento da teologia do processo?
5. Qual era a relação que Gregório de Nazianzo via entre o debate teológico e a vida de santidade?



ISBN 978-85-7325-969-8



9 788573 259698

Teologia

MARCOS GRANCONATO

teo
Fundamentos da
lo
gia
do Novo
Testamento